

**PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DE ALUNOS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA.
TEACHING PRACTICE FOR TEACHING STUDENTS WITH AUTISM
SPECTRUM DISORDER.**

Leyde Dayane Lopes Almeida

Pós-graduanda em docência para educação especial, Instituto Federal de Educação,
Ciências e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG campus avançado Arcos, Brasil,

Email: leydedayane.lope@gmail.com

Recebimento 11/04/2023 Aceite 18/04/2023

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar os desafios da prática docente no processo de ensino e aprendizagem que envolve alguns alunos autistas na educação básica. De modo específico, buscou-se compreender as dificuldades enfrentadas pelos professores para planejar sua aula, em salas de aula regulares, de acordo com o currículo escolar numa perspectiva das diferenças. A pesquisa ocorreu em uma escola localizada na zona rural de Planaltina – DF, em contornos metodológicos de estudo de caso, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com dois professores dessa escola. Mediante a execução desse trabalho, foram mapeadas as principais dificuldades inerentes à prática docente para o ensino de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) na referida escola. Desta forma, concluiu-se que as principais dificuldades inerente à pratica docente para o ensino de alunos com TEA na escola consistem na sua estrutura física e na falta de profissionais especializados.

Palavras-chave: Autismo; Prática Docente; Inclusão.

Abstract

This work aims to analyze the challenges of teaching practice in the teaching and learning process that involves some autistic students in basic education. Specifically, we sought to understand the difficulties faced by teachers in planning their classes, in regular classrooms, according to the school curriculum in a perspective of differences. The research took place in a school located in the rural

area of Planaltina - DF, in methodological contours of a case study, whose data were collected through semi-structured interviews with two teachers from that school. Through the execution of this work, the main difficulties inherent to the teaching practice for teaching students with autism spectrum disorder (ASD) in the referred school were mapped. In this way, it was concluded that the main difficulties inherent in teaching practice for teaching students with ASD at school consist of its physical structure and the lack of specialized professionals.

Keywords: Autism; Teaching Practice; Inclusion.

1. Introdução

A prática docente, sem dúvidas, é uma área com constantes desafios, tanto no que se refere à atuação em salas de aula regulares, quanto em outras, como a do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). Por isso, convém mencionar que se trata de um desafio trabalhar num ponto de vista das diferenças.

Decerto, a escola se constitui das diferenças e a cada diferença acolhida para o processo de inclusão, emana a necessidade de reconstrução do modelo educativo (MANTOAN, 2011), de seus métodos e práticas pedagógicas perpassados pela contínua avaliação do como ensinar, para que ensinar e de que forma ensinar (SUPLINO, 2005), tendo em vista que os indivíduos que a escola acolhe e inclui possam amadurecer e se desenvolver plenamente, com a garantia de serem reconhecidos pelo que são e pelo espaço social que ocupam.

Nesta perspectiva, deve-se primeiramente entender o que se constitui o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA. Condição essa, que se caracteriza, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993, p. 83) como:

Uma síndrome presente desde o nascimento ou que começa quase sempre durante os trinta primeiros meses. Caracterizando-se por respostas anormais a estímulos auditivo ou visuais, e por problemas graves quanto à compreensão da linguagem falada. A fala custa aparecer e, quando isto acontece, nota-se ecolalia, uso inadequado dos pronomes, estrutura gramatical, uma incapacidade na utilização social, tanto da linguagem verbal quanto corpórea.

Deste modo, é possível atentar que o Transtorno do Espectro Autista, principalmente em seu diagnóstico e intervenção, tem uma acanhada relação com o progresso de desenvolvimento infantil. De acordo com a Organização Mundial de

Saúde (OMS, 2013), as características do autismo podem dificultar seriamente o cotidiano das pessoas nessas condições e impedir realizações educacionais e sociais, considerando ser esta uma condição que afeta vários aspectos da comunicação, além de influenciar também no comportamento do indivíduo.

Desse modo, surge a demanda de uma atuação docente no contexto da diferença, levando em conta que esta deve ter a visão direcionadora das práticas escolares, que objetivam é a formação completa de todo cidadão, sem restrições ou exceções, problematizando como os professores enfrentam os desafios da prática docente no processo de ensino e aprendizagem que envolve os alunos autistas na primeira etapa da educação básica.

A presente pesquisa buscou investigar a forma como os docentes têm enfrentado o desafio de incluir e trabalhar com as diferenças em sala de aula comum, a qual compreende-se a importância para a formação e desenvolvimento humano, social e educacional dos indivíduos em seus contatos e olhares na vida escolar.

Dessa maneira, analisar os desafios da prática docentes no ensino de autistas, compreendendo as dificuldades enfrentadas pelos professores para planejar aulas de acordo com o currículo escolar numa perspectiva das diferenças e analisando as barreiras que os educadores encaram ao se deparar em com alunos autistas nas salas de aula regulares.

Fazendo um parêntese, cumpre lembrar que essa pesquisa é resultante de interesses tanto acadêmicos quanto pessoais, pois, em 2021, ao lecionar aulas particulares para uma criança autista, observou-se que a prática usada pelas professoras da escola dessa criança não apontava aspectos inclusivos. Por isso, acredita-se ser pertinente aprofundar um estudo no sentido de compreender como os docentes enfrentam essa realidade em sala de aula.

Agregando a relevância social, a pesquisa buscou contribuir com a inclusão plena dos indivíduos, almejando sua autonomia para além da sala de aula, tornando-os sujeitos protagonistas, capazes de se relacionar com seus pares em sociedade.

Além disso, reitera-se a presença de relevância acadêmica na pesquisa, buscando servir de subsídio para fomento de estudos no que diz respeito a inclusão numa perspectiva de adaptação das práticas docentes para autista, bem como servir de estímulo para posteriores aprofundamentos.

2. Revisão da Literatura

Na construção da pesquisa, dialogou-se com Tardif (2000) e Arroyo (2000), cujos estudos abordam conceitos de práticas docentes, os quais dizem que falar dessa prática em sala de aula é falar de um saber-fazer do professor repleto de nuances e de significados. Implica expor que os professores possuem saberes profissionais cheios de pluralidade (TARDIF, 2000) que emergem em seu cotidiano profissional. Proferir sobre a prática docente é falar sobre pessoas que tem uma profissão (ARROYO, 2000), conhecendo uma metodologia, tendo o prazer de educar e de produzir.

Nessa ação, dialoga-se com a Organização Mundial da Saúde (OMS), que trata do conceito de autismo, classificando-o na CID-10 (1993), que abarca Transtornos invasivos do desenvolvimento, Autismo infantil, Autismo atípico, Síndrome de Rett, outro transtorno desintegrativo da infância, Transtorno de hiperatividade associado a retardo mental e movimentos estereotipados, Síndrome de Asperger, outros transtornos invasivos do desenvolvimento, Transtorno invasivo do desenvolvimento não especificado.

Ainda segundo o CID-10 (1993), o transtorno do aspecto autista é caracterizado por anormalidades qualitativas em interações sociais, em padrões de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Essas anormalidades qualitativas são um aspecto invasivo do funcionamento do indivíduo em todas as situações, embora possam variar em grau. De acordo com o CID-10 (1993), o autismo infantil é um transtorno invasivo do desenvolvimento, definido pela presença de desenvolvimento anormal ou comprometido que se manifesta antes dos 03 anos de idade.

Segundo Marinho e Merkle (2009), o autismo infantil também pode ser definido como uma síndrome comportamental com etiologias diferentes, na qual o

processo de desenvolvimento encontra-se profundamente distorcido, com diferentes sistemas diagnósticos.

Dialogou-se também com a LDB 9394/96, que fala sobre a divisão da educação Brasileira. Segundo esta lei, a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Além disso, “a educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar” (BRASIL, 1996).

Consoante a LDB 9394/96, a educação brasileira é dividida em dois níveis: a educação básica e o ensino superior. A educação básica é compreendida por Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

3. Metodologia

Em contornos metodológicos, a pesquisa seguiu o viés do estudo de caso, em que uma unidade é analisada profundamente (TRIVINOS, 1987). Assim, o pesquisador realiza análises detalhadas dos dados coletados, o que se passa entre os sujeitos observados, suas falas, vivências, atitudes e crenças, bem como análises de documentos, relatórios etc. (PATTON, 1986). Nesse contexto, o pesquisador assume um caráter participante do processo de investigação, interagindo no contexto em que a pesquisa é realizada (ALVES, 1991).

Este estudo de caso ocorreu com 02 professores de uma escola localizada na zona rural da cidade de Planaltina-DF.

Nesse sentido, foi necessário o uso de uma técnica de coleta de dados denominada entrevista semiestruturada, a qual é uma importante ferramenta do investigador na coleta dados, partindo de questionamentos básicos, podendo ser ampliados no decorrer da pesquisa (TRIVINOS, 1987). A análise das respostas foi feita por análise textual discursiva que, segundo Moraes (2004, p. 199), “Na análise textual discursiva as realidades investigadas não são dadas prontas para serem

descritas e interpretadas. São incertas e instáveis mostrando que “ideias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade”.

Para esta pesquisa, foram entrevistados dois professores da supracitada escola, os quais atuam na educação básica e foram questionados sobre as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem voltado para o trabalho pedagógico com alunos autistas.

4. Resultados e Discussão

Em virtude da aplicação da entrevista, alcançamos informações pertinentes à construção desse trabalho, que dialogam com os aportes teóricos aqui abordados. Compreende-se a importância de relacionar teoria e prática, por meio da vivência de educadores que, no chão da escola, conhecem essa realidade e buscam formas de exercer suas práticas com excelência.

Nesse sentido, contou-se com a colaboração de dois professores da escola, os quais possuem formação superior e pós-graduação voltadas para educação especial, sendo que um deles leciona há mais de 30 anos, o que agrega muita diversidade de conhecimentos e experiências.

A priori, foram elencadas perguntas referentes à identidade do autismo, sob a qual os colaboradores afirmam que o autismo “é, dentre várias características, o desenvolvimento atípico de várias habilidades motoras, comportamentais e cognitivas” (Professor 1) e “é uma condição caracterizada por comprometimento na comunicação e interação social, associado a padrões de comportamento restritivos e repetitivo” (Professor 2).

Estas concepções estão em concordância com os aportes dados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e por autores que afirmam que o autismo infere em

inadaptação para estabelecer relações normais com o outro, um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacitação de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereótipos gestuais, uma necessidade de manter imutável seu ambiente material, ainda que dêem provas de uma memória frequentemente notável. (MARINHO; MERKLE, 2009, p.6086).

Além disso, destaca-se a possibilidade de o autismo se apresentar juntamente com outras condições: “algumas outras condições podem acompanhar o TEA, como

transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), depressão, epilepsia e deficiência intelectual” (Professor 2).

Adentrando nas nuances educacionais, questionou-se acerca das barreiras encontradas no ensino dos alunos com espectro autista, sob o qual foi relatado a realidade escolar dos professores, em que existem

As barreiras pessoais e institucionais. Pessoais: É uma condição que não me identifico. Na maioria das vezes que estive com aluno autista me senti impotente, frustrada por não conseguir a conexão esperada, apesar de no final do período ter ótimos resultados. Institucional: As escolas não possuem profissionais disponíveis para auxiliar, nem mesmo material pedagógico especializado (PROFESSOR 2)

Barreiras estas que poderiam ser minimizadas com a presença efetiva do Atendimento Educacional Especializado, esclarecendo a compreensão de que este não é substitutivo da escolarização regular, mas se apresenta atualmente como um ótimo instrumento para a promoção de uma educação inclusiva de alunos autistas; tal como denota Mantoan, para quem

[...] O papel do professor de AEE é de identificar as barreiras, de toda e qualquer natureza, no âmbito da escola e articular, mobilizar todos os envolvidos para que tais barreiras sejam removidas. Esse trabalho não inclui, portanto, planejar o ensino de conteúdos escolares, e por consequência, mensurar os “resultados de aprendizagem”. Essa função é do professor de sala comum, que planeja, ensina e avalia seus estudantes. Querer trazer de volta esse papel ao professor da Educação Especial é um retrocesso sem precedentes (MANTOAN p. 29, 2018)

Em outra contribuição, a fala do professor 1 promove reflexão ainda sobre a questão de barreiras na educação de alunos autistas; em que ele se refere à “grande gama de possibilidades do TEA”, como uma das barreiras encontradas, em que “são muitas as variações de necessidades que os autistas apresentam”, o que “nos impõe um olhar mais cuidadoso e atento a cada caso”. (PROFESSOR 1)

Compreendendo que esta não deveria ser uma barreira no processo educacional; mas, deveria haver um reconhecimento das singularidades do ser autista, instigando a exercitar um olhar mais sensível e humanista na educação, contribuindo para a desconstrução do estigma da normalidade, que ainda se apresenta na realidade escolar, mesmo em suas formas mascaradas.

Outra questão abordada, a qual é uma das bases deste estudo, refere-se à prática docente. Os colaboradores foram indagados sobre as práticas pedagógicas

utilizadas para promover a inclusão de alunos autistas em sala de aula, sobre a qual o Professor 2 discorre que

Falar de uma prática pedagógica é bem complicado. Cada aluno é singular em suas necessidades e cada turma também. A estratégia que utilizo é conhecer as necessidades das duas partes, do aluno TEA e da turma, e a partir daí traçar uma prática de muito respeito e cooperação. As famílias são importantes nesse cenário. Geralmente uso Projeto de Inclusão trabalhando as diferenças e o respeito. Dependendo do nível do Autismo as atividades podem ser coletivas ou individuais com auxílio do professor regente. Uma característica importante é o nível de socialização do aluno especial, se está entrando na comunidade escolar as ações deverão contemplar as necessidades dele que serão muitas. Se já é um aluno com vivência escolar ficará mais fácil introduzir atividades. Depois dessa análise inicial podemos pensar em uma prática pedagógica. Duas práticas são as mais usadas a ABA e as PECS. ABA é uma sigla que significa APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS (Análise do comportamento aplicada). O método é baseado no comportamento e seu objetivo é potencializar os comportamentos sociais relevantes. Já o PECS é Sistema De Comunicação por Troca de Figuras é um sistema para ajudar pessoas de várias idades que não conseguem se fazer entender através da comunicação convencional. Em suma, tudo depende do aluno. Conhece-lo é o passo inicial. (PROFESSOR 2)

Nota-se deste discurso uma ação humanizada e de reconhecimento das especificidades do aluno autista, o qual não é uno, mas espectro, entendendo a humanidade mergulhada nas diversidades de cada indivíduo, conforme rememora MARINHO & MERKLE (2009):

Assim os métodos educacionais citados acima, ABA, PECS, TEACCH, de cunho visual é de fundamental importância para a aprendizagem do autista, já que para o mesmo o pensamento é fragmentado, e pautado na previsibilidade. Usar o lado visual como dispositivo de substituição é oferecer à pessoa com autismo informação facilmente compreensível sobre o que ele fará em que ordem se dará o que vem depois de uma atividade ser terminada e onde as várias atividades deverão ocorrer. Levando sempre em consideração as diferenças entre os educandos e suas particularidades podendo estar sendo feitas adaptações de acordo com a realidade diagnóstica de cada criança e suas especificações. (MARINHO; MERKLE, 2009, p.6093-6094)

Além das práticas pedagógicas, foi questionado um fator importante e contributo na educação, que se trata do planejamento e currículo, sobre os quais foi perguntado sobre as dificuldades para planejar aulas de acordo com o currículo escolar numa perspectiva das diferenças. Nesse sentido, destaca-se a fala do Professor 1, que afirmou que

a maior dificuldade é quanto a estrutura da escola que nos é oferecida para esses alunos, pois ela não está adaptada para os receber, falta materiais didáticos, professores de apoio, sala com um atendimento educacional especializado, além de

muitas das vezes a faltar até transporte escolar, e possui ainda famílias que se negam aceitar o fato de seu filho tenha algum transtorno e que muitas vezes são displicentes em incentivar os alunos em suas atividades. (PROFESSOR 1)

Nesse contexto, como o currículo e o planejamento não estão enclausurados a uma construção documental teórica, mas se entrelaçam em questões familiares e de acessos destes alunos ao ambiente escolar e aos processos educacionais. Entende-se aqui que a inclusão é necessária e a diferença está presente no chão da escola. Por conseguinte, o currículo precisa ter um viés mais inclusivo:

Penso que para o estabelecimento de uma inclusão efetiva para alunos portadores de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, seria necessário discutir sobre que “suporte necessário à ação pedagógica” se está falando, bem como quais seriam as “adaptações curriculares” necessárias. (SUPLINO, 2009, p. 5).

Mediante as análises do contexto educacional de alunos com TEA, na visão de docentes sobre a realidade escolar, fez-se necessário um “último” olhar sobre possíveis medidas que poderiam ser tomadas para melhorar o atendimento e a inclusão dos alunos autistas na escola em questão, compreendendo que falar do seu local é falar da sua vivência, da sua docência:

Acredito que as regras devem sair do papel e se tornar realidade. A Lei da inclusão é linda. Contudo, vale ressaltar que ela pode ser a exclusão de outros. Incluir é mais do que justo e necessário. Mas para ter inclusão deveria ter dois professores especializados trabalhando na mesma turma para atender as necessidades da criança especial e dos outros também. Os monitores que são contratados estão iniciando carreira e não tem especialização para atender crianças especiais. A escola não treina estes profissionais, daí os professores tem que ensinar a turma e ensinar o monitor, além de atender as necessidades da educação especial. (PROFESSOR 2)

Apesar de existir uma legislação atinente a questão da inclusão, a existência da mesma não é suficiente para que a inclusão aconteça de fato, as leis precisam sim existir, mas para que elas sejam concretizadas no chão da escola, outras ferramentas devem ser implementadas, como formação docente continuada, currículo adequado e gestão responsável.

5. Conclusão

Atualmente, atuar na docência no âmbito do ensino básico é um desafio que gera temores e conflitos. Porém, quando se adentra num campo específico da educação especial na perspectiva inclusiva, como é o caso de alunos com transtorno do espectro autista, as adversidades se ampliam e se amplificam, não pela singularidade e identidade do sujeito, mas, por vezes, pela ausência de estrutura profissional, material e pedagógica que respeitem a essência do ser e sua diferença.

Neste sentido, fez-se pertinente um estudo sobre os desafios da prática docente no processo de ensino e aprendizagem que envolve os alunos autistas, visando compreender as dificuldades enfrentadas pelos professores para planejar aulas de acordo com o currículo escolar numa perspectiva das diferenças, promovendo, assim, uma reflexão sobre as barreiras que os educadores encaram ao se deparar com alunos autistas nas salas de aula regulares.

Mediante a execução desse trabalho, mapeou-se as principais dificuldades inerentes à prática docente para o ensino de alunos com transtorno do espectro autista na escola. Conclui-se que consistem principalmente na sua estrutura física que não está adaptada para receber esses alunos e na falta de profissionais especializados para acompanhar o ensino deles, ajudando os professores em sala de aula, e fora dela através da sala de Atendimento educacional especializado (AEE).

Referências

ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas na educação.** Faculdade de Educação/UFRJ. Cad. Pesq., São Paulo (77) : 53-61, maio, 1991.

ARROYO, M. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. TARDIF, M. **Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação do magistério.** Universidade de Laval/PUC-Rio, 2000. (mimeo.)

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 10 Jul 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. Et al. **Manifesto em defesa da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** LEPED FE/UNICAMP, Mai, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Diferenciar para incluir: a educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Instituto Rodrigo Mendes. Diversa. 2011. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/diferenciar-para-incluir-a-educacaoespecial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 09. Set. 2022.

MARINHO, E. A. R, MERKLE, V L B. **Um olhar Sobre o Autismo e Sua Especificação.** PUCPR, 29 de outubro de 2009. BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

MORAES, M. C. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições clínicas e Diretrizes Diagnósticas.** Porto Alegre, Artes Medicas, 1993.p.227.246 a 248

PATTON, M. **Qualitative evaluation methodes.** Beverly Hills, Sage. Publ., 1986.

SUPLINO, Maryse. **Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental.** Maceió: Assista, 2005.

SUPLINO, M. (2009).**Inclusão escolar de alunos com autismo.** Disponível em: < <http://www.inclusaoescolar.com.br>> Acesso em: 12.set.2022.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.